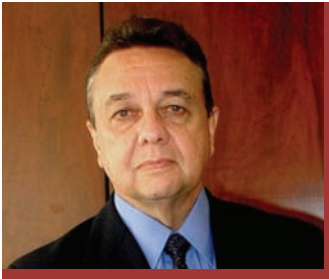


Diário de bordo

O caminho para o cerrado



Roberto Rodrigues*

EM 2008 será comemorado o centenário da imigração japonesa, que teve grande influência sobre o nosso agronegócio.

Logo no início, os japoneses introduziram dois avanços: a tecnologia em hortifrutigranjeiros e o espírito associativista. Isso permitiu a implantação dos “cinturões verdes” perto dos grandes centros urbanos, que organizou o abastecimento e regulou os preços.

Mas a mais importante contribuição dos japoneses ao agronegócio brasileiro foi o Programa de Desenvolvimento do Cerrado, nos anos 70, sob a orientação do extraordinário ministro da Agricultura Alysson Paulinelli.

Até então, a agricultura brasileira era “costeira”, não havia ainda penetrado a grande fronteira do Centro-Oeste, e o cerrado era tido como impróprio para práticas agrícolas, pela sua “pobreza” em nutrientes e baixa capacidade de retenção de água.

Os trabalhos da Embrapa no Cpac começaram a mostrar o potencial desse imenso território para o setor rural, mas foi o Prodecer que levou à conquista da gigantesca área de 110 milhões de ha, superior à de muitos países europeus somadas (França e Espanha, por exemplo).

Com recursos do Japão e do governo brasileiro, foi criada a Campo, companhia binacional encarregada de encontrar e comprar áreas do cerrado onde, por intermédio de cooperativas pré-existent

e bem-sucedidas, seriam assentados produtores capacitados e que receberiam assistência técnica e crédito para tocar sua atividade. Era um modelo de “reforma agrária capitalista”, uma vez que o tamanho da propriedade individual era definida em função da capacidade de renda.

Os resultados foram extraordinários, e abriram aos investidores brasileiros a perspectiva de conquistar o Centro-Oeste, dando origem a cidades hoje importantes na região, irrigando com riqueza e empregos a nossa fronteira, e permitindo a ocupação racional do nosso território.

Os números falam por si. Ao longo de 30 anos de trabalho do Prodecer, foram abertas 21 áreas em 7 estados: Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Tocantins. Por meio do Prodecer, cerca de 370 mil ha se incorporaram à produção, tendo gerado, segundo dados disponíveis até 2004, 7,85 milhões de t de grãos, com ênfase na soja.

Mas a produção prevista nos projetos é de 650 mil toneladas/ano e 758 colonos oriundos de 20 cooperativas com seus familiares e agregados, realizaram essa proeza, rasgando estradas, levando civilização ao sertão e criando 20 mil empregos diretos e mais de 41 mil indiretos, além de construir uma rede de armazéns com capacidade para 2,25 milhões de tonelada.

Foram gerados US\$ 30 milhões em impostos, mais que suficiente para pagar os investimentos feitos pelo governo que, em mais de uma ocasião, no passado, não cumpriu adequadamente seus compromissos com o Japão nesse programa.

O fato, porém, é que o Prodecer mostrou o caminho para o cerrado, que hoje tem 20 milhões hectares incorporados à nossa área produtiva.

Café, leite, irrigação, pecuária de corte, fruticultura são outros produtos e atividades que o programa levou ao cerrado, sempre introduzindo tecnologias novas, sempre com as cooperativas liderando o processo.

Um grande sucesso, sem dúvida, a ser comemorado no centenário da imigração. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Celeiro de líderes



Cesário Ramalho da Silva*

A SOCIEDADE Rural Brasileira completa neste mês 88 anos dedicados à agropecuária. Quase um século de trabalho pautado pela independência, ética, transparência, vanguarda e comprometimento. Esses valores formaram a credibilidade da entidade. Na comemoração dos seus 85 anos, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso disse: “Confio em um país que comemora 85 anos de uma instituição. Poucos têm esta honra. Não existem nações desenvolvidas sem instituições fortes.”

O impulso ao desenvolvimento sócio-econômico do Brasil, com base na geração de renda, riqueza, oportunidades e empregos pela agropecuária, foi construído por legítimos representantes da classe rural. O legado da **SRB** como celeiro de líderes pode ser medido pelo conjunto de seus membros que ascenderam a cargos públicos. No mais recente caso, João de Almeida Sampaio Filho licenciou-se da presidência para assumir a Secretaria da Agricultura de SP.

Outros exemplos recentes são os ex-presidentes Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura do governo Lula, e Pedro de Camargo Neto, secretário de Produção e Comercialização do MAPA, na gestão FHC. Registro ainda para membros do Conselho e diretores, como Lineu Carlos da Costa Lima, atual secretário de Produção e agroenergia do MAPA, e Cláu-

dio Braga Ribeiro Ferreira, secretário da Agricultura de SP no início dos anos 80.

Do passado recente, três temas-chave encontram respaldo em conquistas da entidade. Durante a Assembléia Constituinte, em 1988, a posição em defesa do Direito à Propriedade Produtiva. Na década de 90, em prol de campanhas de combate à febre aftosa e melhorias na defesa sanitária como condição para atuarmos com resultados positivos nos mercados internacionais. E os conteúdos contra os subsídios dos EUA ao algodão e europeu ao açúcar nasceram na **SRB**. O embrião das queixas contra o protecionismo agrícola foi gerado em discussões na entidade.

Com base nas declarações de seus seis últimos presidentes, o leitor pode ter a percepção acerca da importância da **SRB** que, pela dignidade de sua história, viverá mais 88 anos de amor pela agricultura brasileira.

João Sampaio: "Sempre atuou com a certeza que as questões são técnicas, as razões são éticas e as decisões são políticas."

Luiz Hafers: "Tem convicções e jamais defendeu conveniências. Atuante, tem extraordinário respeito e nunca ficou em cima do muro."

Pedro de Camargo: "Pioneira em ações de direitos compensatórios contra importação de produtos agropecuários da Europa e EUA."

Roberto Rodrigues: "Grande representante intelectual da classe rural. Pontua seu trabalho em favor das principais colunas da democracia."

Flávio Menezes: "Nata dos tomadores de decisão. Exerce o papel de fomentadora de idéias e ações para o progresso do País."

Renato Ticoulat: "Nasceu como organização do agronegócio, muito antes do termo ser cunhado. Tem histórica ação moderna desde seu início". ■

Opinião

Illinois perto de Itapeva



João Sampaio*

SOMENTE A globalização pode responder sobre a relação entre o produtor de milho do estado de Illinois, nos Estados Unidos, com anterior predomínio da soja, substituído agora pelo milho, com Itapeva, município produtor de grão no sudoeste do estado de São Paulo.

A globalização explica há tempos como as conjunturas econômicas em determinadas regiões interferem diretamente no cotidiano das pequenas cidades brasileiras. Em 1997 predominava a máxima: "quando um tigre asiático (país em franco desenvolvimento no período) espirra, o mundo sofre de pneumonia".

A febre do etanol vivida pelo interior de São Paulo e dos Estados Unidos é o exemplo corrente. Os agricultores questionam o aumento nos preços dos fertilizantes quando o real está valorizado. A indústria tem a resposta na globalização. Em Illinois, a substituição em 30% das áreas de soja por milho, na busca do etanol, causou um crescimento na procura de adubos, pois este demanda utilização maior de nitrogênio e potássio, cujas reservas são limitadas.

Mas, o que tem isso a ver com a renda do produtor de grãos de Itapeva? Tudo. Nas últimas safras de grãos no Brasil, a queda nos preços das principais *commodities* exportáveis e os problemas de câmbio foram duas das causas da crise na agricultura. A globalização do conhecimento determinou desempenhos econômicos.

E a disseminação da gripe asiática no mundo reduziu o consumo de frango. O resultado foi um corte nas exportações nacionais, com sobreoferta e queda de preços no mercado interno. Os criadores amargaram enormes prejuízos. Já o aumento do preço do milho nos Estados Unidos por causa do etanol elevou os preços das *tortillas*, um produto de consumo popular e gerou protestos no México. Enfim, o poder das notícias ruins é muito maior que a nossa capacidade de obter, absorver e trabalhar as informações.

Para o agricultor moderno, duas ferramentas são de extrema importância: acesso à informação e sua gestão dentro da propriedade. Saber dos acontecimentos no mundo agrícola, em função do papel competitivo do Brasil no cenário internacional, é chave para a boa gestão da produção e de sua comercialização. Assistimos à revolução da pesquisa agropecuária brasileira a partir da década de 70, com a criação de tecnologia para agricultura tropical. Agora, estamos diante da instalação de uma nova matriz energética com a propagação do etanol pelo mundo. Logo teremos a fase do agricultor em sintonia com os eventos ao redor do globo.

Muitos podem dizer que isso está fora da órbita dos pequeno e médio agricultores. Não subestime a capacidade do produtor de grãos de entender o que acontece no mundo. Basta uma simples viagem ao sudoeste paulista, tradicional área produtora de feijão e milho, para constatar, principalmente dentre aqueles organizados em cooperativas, uma forma de olhar o mundo agrícola pela ótica e uso do GPS, da *internet* etc.

Nesse ponto não diferimos muito do produtor de milho de Illinois. Ficamos para trás nos instrumentos de proteção. Lá, há fatura de crédito, seguro e subsídios. Se o produtor brasileiro se superar na produtividade e competência dentro da porteira, com a utilização de novas ferramentas e a compreensão da importância da globalização do conhecimento, ficará inigualável no exercício da sua atividade. ■

* Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)